

Fórmulas da Sexuação¹

Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues

Vou pedir licença a vocês para fazer alguns comentários, algumas observações, falar sobre algumas dúvidas a propósito de nossa leitura, da quinta-feira, à tarde, do texto de Lacan “Ou Pior”. Dúvidas, reparos que vocês tenham, peço que façam a medida que surjam, não precisam esperar pelo final, e aí a gente vai conversando e vai construindo isso devagarzinho.

Queria começar, destacar, principalmente as fórmulas da sexuação e o Um — sobre isto a gente já conversou muito hoje, aqui, ontem também, também no texto de Cadu. Então, lá no texto “Ou Pior”, eu queria destacar exatamente o Um e as Fórmulas da Sexuação, para conversar um pouco mais sobre isso.

Em relação ao Um, Lacan vai, depois, realizar alguma coisa também no Real, no Simbólico, no Imaginário e no Sinthoma, alguma coisa que já vem esboçada no texto “Ou Pior”.

No “Ou Pior” ele trabalha, principalmente, o texto Parmênides e os conceitos de Frege. Foi exatamente o que Jucy falou, há pouco, a propósito do Um que o fundamental para o Um, é o zero. Então, é na conceituação do zero, que Frege faz, que se abre, vamos dizer assim, todo o espaço do ponto de vista

¹ Transcrição da gravação em fita cassette do trabalho apresentado, sem leitura, durante a VI Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

lógico para a gente entender o Um que não é o primeiro. O Um, no sentido do lugar ocupado.

Na questão do Um, então, vamos ver o que é a conceituação da série de inteiros naturais, a conceituação do zero e o porquê a série progride. O dois se coloca sempre após o Um e antes do três não por força do hábito; há uma lei interna que determina isso. Para conceituar o zero, ele toma, vai buscar, na Filosofia - isso Frege - o conceito de identidade; então, para ele, um elemento é idêntico a outro quando pode substituí-lo sem que a verdade se perca. Esse seria, para Frege, o conceito de identidade. A partir daí ele diz: o elemento que seja não idêntico a si. Nesse momento, ele abre, ele conceitua o zero, o nada absoluto que, no momento em que é conceituado, e você coloca aqui o zero, ele passa a ter uma existência simbólica. Conceitua-se o nada absoluto que a partir daí, ganha existência. Então, a partir daí, essa série passa a ganhar a seguinte -----
----- o zero passa a ser o primeiro aqui, o dois, o três, o quatro e o cinco. Se o três, no delírio de completude, de suficiência, diz: “eu nomeio toda a série porque eu contendo o Um, o dois e o três”, então, você vai ver que ele corresponde ao quarto, falta-lhe alguma coisa e, por faltar alguma coisa ao três, ele não nomeia toda a série, é que vem o quatro, e assim por diante. Então é isso que faz com que a série progrida, o que é exatamente igual a $n+1$. Pense nesse três e nesse um; Lacan pega isso aí e começa a aplicar: o Um entre outros. Porque, a partir de Frege, quando ele diz: “um elemento que não seja idêntico a si mesmo”, isso é exatamente o significante. O significante é não idêntico a si, por isso que existe em pares. Então, veja, se você toma, de repente, esse três aqui no delírio dele, como o eu da intersubjetividade, como Carlos estava

2

falando, e, de repente, toma-se essa barra aqui como a barra da repressão, e esse elemento que está aqui embaixo, recalçado, passa para cima, transtornando a vida do três, o delírio dele de grandeza, de suficiência, de completude, isso é exatamente o retorno do recalçado.

Exatamente a partir do exemplo, da série de inteiros naturais, da aplicação que Lacan faz disso para o Um, que é o Um entre outros, que estaria exatamente embaixo, que não é o Um da intersubjetividade, mas sim da estrutura, que é o lugar do zero que aqui estava falando, por que: o que é o Um caminhando de um elemento a outro aí? O zero. Ele vai estar presente em cada um dos elementos e é o que faz com que a série progrida. Esse é o lugar do sujeito porque é ele que vai sendo encaminhado de um significante a outro. Então, o que estou brincando um pouco aqui é: se você toma isso aqui como uma barra de repressão, há um três em cima, tal qual o eu que não quer ser dois, quer ser completo, o eu da intersubjetividade, há a linha, e, de repente, aparece alguma coisa aí que estava recalçada, isso é o retorno do recalçado, que transtorna, completamente, a vida desse ----- . Isso é mais ou menos o Um como está lá no “Ou Pior”, a partir de Frege.

(Dirigindo-se a Cadu: Esse zero vai estar sendo deslocado, coloque o zero embaixo, o zero vai se deslocando, porque, veja, isso é equivalente, na teoria dos conjuntos, quando Cantor fala de conjunto vazio: “x” diferente de “x” cria o conjunto vazio, quer dizer, o conjunto vazio existe em todos os conjuntos. É condição para que exista, o que Jucy falou. A questão do Um necessariamente exige o zero, e esse zero vai estar em todos os elementos porque ele vai estar sempre faltante e é ele que faz com que a série progrida porque é para fazer frente a essa falta

que você passa para o adiante. Então, quando Freud, em Psicopatologia da Vida Cotidiana, diz que Botticelli, Boltrafi, BosniaEzergovina. se colocavam um ao lado do outro, obedecendo a uma lei interna, à revelia do sujeito, sujeito o eu. Já o sujeito do inconsciente, é produzido pela cadeia de significante, resultado de remetências desta cadeia.

Ocorreu-me alguma coisa aqui, faz algum tempo que eu queria falar a vocês, é uma proposta minha de um significante roseano, a proposta da história do retorno do recalado. Não me lembro em qual conto e tal, mas, nas histórias, um diálogo de um jagunço com um doutor. E o doutor chamou o jagunço de famigerado. O jagunço não entende o que é aquilo e começa a perguntar se aquilo não é um atrevimento, se aquilo é uma desfeita, e o doutor vai usando palavras cada vez mais agrestes, distantes ao jagunço e o jagunço vai ficando desconfiado. Aí ele disse: “Não! Famigerado é célebre”, é não sei o quê, e começa que o jagunço não vai entendendo nada. Até que o jagunço vai e diz: “ Isso é, doutor, de fato, uma verivérbia?” Eu acho esse significante “verivérbia” perfeito. Que não para todos os retornos, todas as formações do inconsciente, mas, pelo menos, para o ato falho. Surgiu uma “verivérbia”, nesse momento, e é muito bom porque é na relação do saber com a ignorância, é o doutor e o jagunço, que é absolutamente ignorante. Isso é uma “verivérbia”.

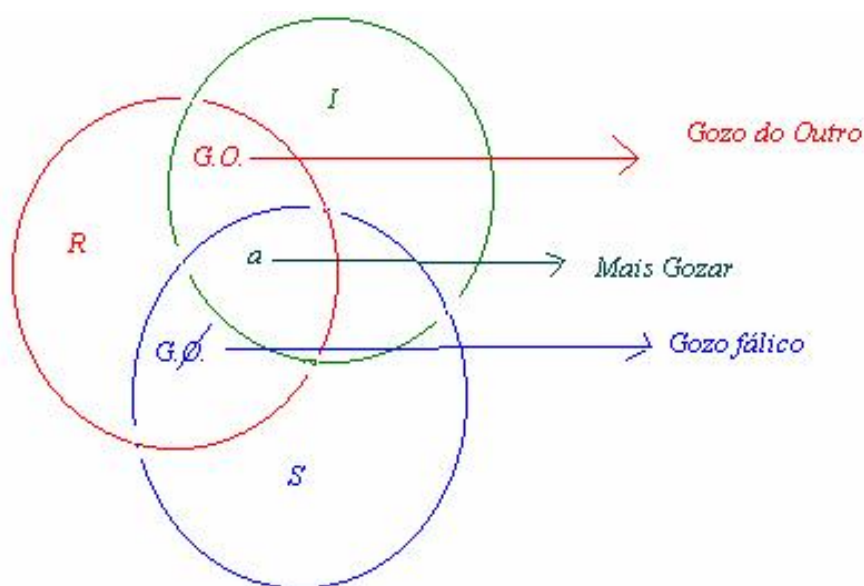
Vamos agora conversar um pouco sobre as fórmulas da sexuação.

Dessas conseqüências fundamentais da fórmula da sexuação, “a mulher não existe” (respondendo: o zero é uma

4

conceituação do nada absoluto, quando você conceitua o nada absoluto, a partir do zero, este passa a ser alguma coisa como existência simbólica. Se o elemento pode substituir o outro, sem que a verdade se perca, esse é o conceito de identidade. Se o elemento é não idêntico a si, isso cria o nada. Como que ele pode ser não idêntico a si próprio, que é o que vale, na teoria dos conjuntos, como falei, a um “x” diferente de “x”. Na hora que o zero ganha uma existência simbólica, está aqui o lugar dele. Por isso que vem o três e assim por diante. Essa é a lei interna da estrutura que diz por que é que a série progride. Isso não é um dado natural).

A propósito das fórmulas da sexuação, duas conseqüências, pelo menos duas mais importantes, “a mulher não existe” e “não há relação sexual”. Eu estava vendo uma coisa em Nasio, e Nasio parte de uma coisa assim simples, para falar dos “gozos”, é por isso que eu coloquei aqui o borromeu, só para localizar os gozos aí no nó, a partir da história de Nasio.



Ele chega a uma conclusão que, para mim, não tem absolutamente nada que ver com o que Lacan está falando em “Ou Pior”, a propósito da inexistência da relação sexual. Então Nasio vai para Freud e começa, de uma maneira muito didática, a dizer, que as excitações surgidas a partir das zonas erógenas do corpo encontram uma barreira para a sua descarga. Não conseguem essa descarga. Há sempre a barreira do recalque. O falo funcionando aí como esse elemento que medeia, que permite, ou não permite, a passagem dessa descarga, a partir das excitações nas zonas erógenas do corpo. Aquilo que passa, aquilo que o falo permite que passe, seria o chamado gozo fálico, quer dizer, gozo às expensas da castração, linguagem, sintoma, e assim por diante. Então, o gozo fálico que no nó, estaria localizado aqui, nesse lugar, seria o Simbólico, o Imaginário e o Real. Aquilo que não passa, aquilo que fica, dentro do aparelho, re-excitando essas zonas erógenas, é o que ele, essa energia residual, é o que ele chama de mais gozar, que estaria localizado aqui, o “a” estaria localizado aqui, no centro da estrutura e, sobre a presença do objeto a, estaria o mais gozar; na ausência do objeto a, seria causa do desejo. Se, do ponto de vista mítico, fora possível essa descarga total completa, sem que existisse castração, seria o gozo do Outro. Na medida em que Lacan conceitua castração simbólica, a castração do Outro, se não há castração o gozo é do Outro. O gozo do Outro que estaria aqui entre o Real e o Imaginário. Veja bem, a partir daí, Nasio diz: por isso é que não há relação

sexual porque não há gozo do Outro, porque não há esse gozo total, completo, sem que exista a castração para impedir.

Quando Lacan, lá no “Ou Pior”, vai dizer por que é que não há relação sexual, não é lá só no “Ou Pior”, mas lá quando começa a falar mais disso, ele mostra que é uma questão da não existência de uma equivalência, de uma correspondência. Ele diz, textualmente: “o “x” do homem não é a mulher, o “x” da mulher não é o homem”, isso não está em jogo, não tem absolutamente nada a ver com isso, sobretudo porque, se não há castração, e há gozo do Outro, não há relação. Nem do ponto de vista mítico. Então aí vou pegar a fórmula da sexuação: como é que Lacan trata isso, do ponto de vista lógico? Isso aqui é o que se chama de quadrata fórmula de Apuleio,

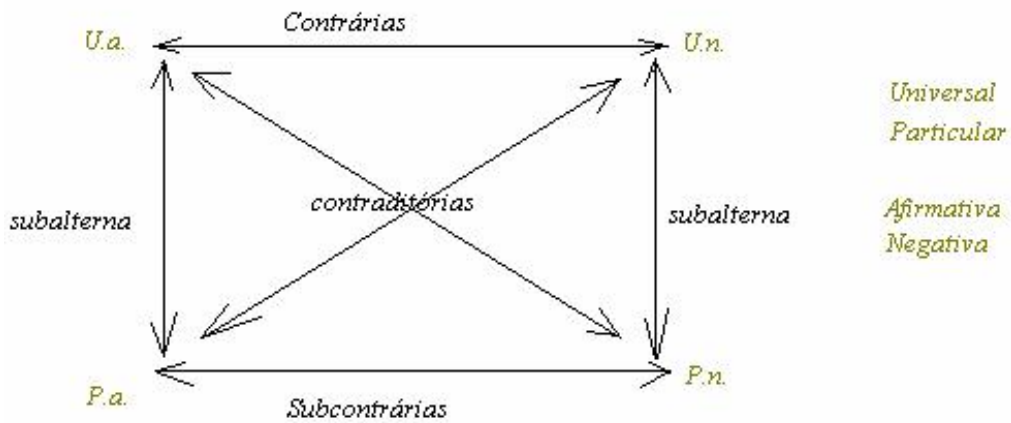


Figura 2

que quer com ele. Eu estava vendo aquela discussão aqui sobre a Filosofia, a relação da Psicanálise com a Matemática e com a Lingüística e tudo o mais: usa, mas faz o uso que quiser. Assim como vai usar agora a Lógica, subvertendo também completamente essa quadrata de Apuleio que aqui seria o universal positivo, o universal negativo, o particular positivo, o particular negativo. Aqui seria o contrário, aqui a contradição. A primeira coisa que ele faz, quando vai utilizar as fórmulas da sexuação, é inverter isso aqui. Primeiro que, na fórmula da sexuação, em cima está o particular, é o particular que cria o universal, e não o contrário, como é na Lógica clássica. Então a Lógica de Lacan é a lógica de chiclete, de borracha, ele faz o que quer com ela. A primeira coisa que ele afirma aí é que, nesse aspecto, essas oposições aqui, do positivo e do negativo, não se sustentam; ele fica, apenas, com essas contradições, com essas linhas na diagonal. Em vez de começar a colocar as fórmulas, vou começar por alguma coisa que ele diz: “o saber se ensina, a fórmula se transmite”. Então, vou começar por esse pólo aqui e por uma coisa que é dita e muito repetida pelos lacanianos, isto é, “o que não cessa de não se escrever”.

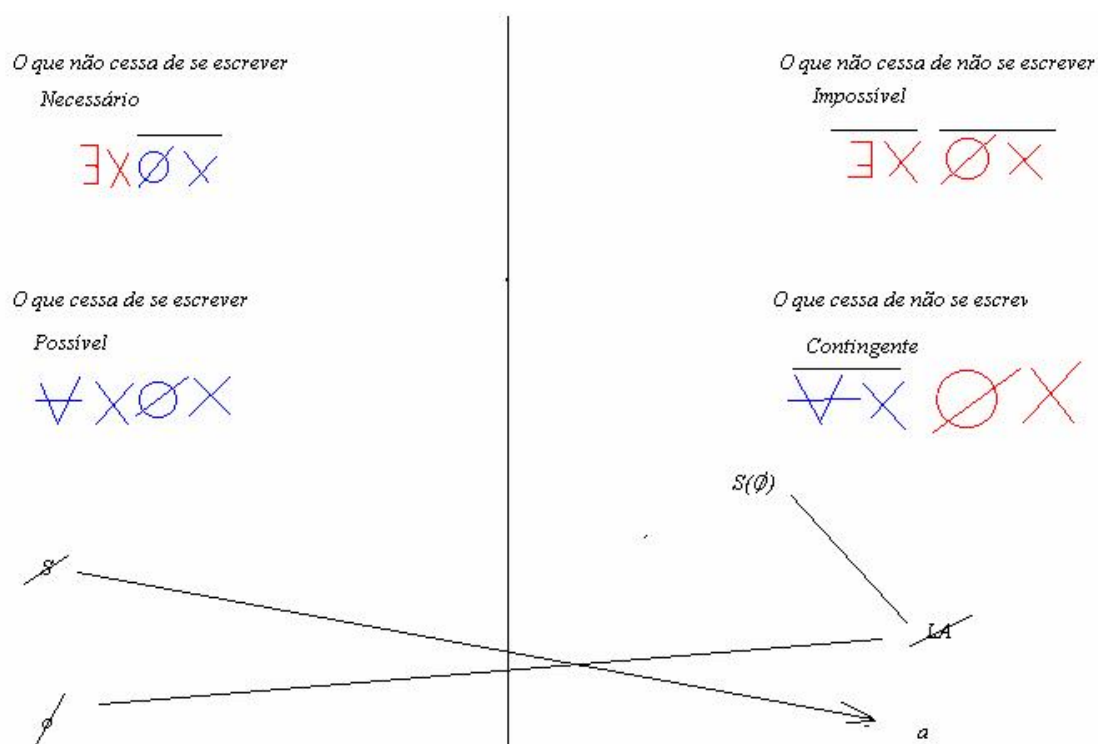


Figura 3

A contradição a isso não está do lado de cá, está aqui. E como é que seria essa contradição, “o que não cessa de não se escrever?” Há duas negativas aqui. É. O que cessa de se escrever. O que cessa de se escrever, o que não cessa de se escrever, não tem “não”, não tem negativa. Aqui, em cima, o que não cessa de se escrever; e a sua contradição vai estar do lado de cá, de que maneira? O que vai deslocar é o não. O que cessa de se escrever. O que cessa de não se escrever então desloca o não. O que não cessa de se escrever, por que não cessa de se escrever? Porque é necessário. É necessário que pelo menos um, o que não cessa de se escrever, é necessário, criando um possível. Se esse é possível, esse aqui é o impossível e, aqui, o contingente.

Agora, vamos utilizar as fórmulas. O que cessa de se escrever não tem não.

~~~~~

(Respondendo: Você não nomeia nada. Você quer absolutamente igual, as quatro fórmulas sem o não. Como eu disse a vocês, ele tinha invertido, o que era universal em cima,

passou a ser embaixo e, aí em cima, o particular. Isso aqui é da lógica simbólica de Hilbert. Isso aqui é o quantificador de universalidade, todos e aqui de existência, sem não. Aqui o que cessa de se escrever, quer dizer, não tem não e assim fica: “todo x, fi de x”; aqui em cima, duas negativas: não existe x, não “fi” de x. Aqui o que é que acontece? Observem vocês: onde, na sentença, o que não cessa de se escrever, o não está na primeira parte da sentença, passa para a segunda aqui na fórmula: existe x, não “fi” de x. E aqui o não está na segunda parte da sentença e aqui passa para a primeira parte, na fórmula: não todo x, fi de x”. Lacan acrescenta, aqui, uma barra, para enfatizar e chamar a atenção da incomunicabilidade disso aí, e isso aqui é o que o vulgo chama, do lado de cá, de masculino e, aqui, de feminino.

(Respondendo: Aí, veja, aqui está colocado “existe x não fi de x, o Pai, não é?”, que Paulo já falou aqui, logo cedo, sobre o Pai, pelo menos Um que não está submetido à castração, para que todos estejam, para o que diz respeito à condição humana, submetida sempre à castração, o fracasso permanente do sexual no humano. Questão do impossível, do Real, e aqui do contingente que diz respeito sobretudo à divisão do feminino. Veja, a partir daí como fica completamente diferente você entender a não existência da relação sexual, não é? É outra coisa! Por que é que, se “a mulher é não-toda”, se há algo dela que não está posto na relação, então isso já é suficiente para dizer que a relação é impossível. Alguma coisa não está colocada aí dentro. Não está em jogo na relação. Se existisse a possibilidade do universal, desse lado de cá, você teria embaixo também, submetido também à castração, você teria uma que não fosse castrada, você teria uma universalidade embaixo, aí teria

uma relação sim! Mas há algo do feminino que não está posto em jogo aqui.

(Cadu: ~~~~ “Há uma transformação dessa fórmula, você negando, fazendo a negação da fórmula da mulher, ela passa a ser toda, não castrada, e o homem passa a ser não-todo; a mulher passa a ser universal, o que tem uma coisa que nega o geral, no exercício; e o homem passa a ser estranho ao não existir, isso numa rapidez de segundo).

(Respondendo: Sim, mas é por isso que eu disse, eu cheguei embaixo, dizendo a você, o vulgo chama isso aqui do masculino e aquilo ali do feminino, exatamente para não ficar cristalizado, nem colado isso daí, não é? No macho e no fêmeo, e por aí fora. Veja, lendo o Parmênides, me chamou atenção, a coisa principal que me chamou atenção na leitura de Parmênides é sobre a metonímia. Nunca vi tanta consideração acerca da metonímia, como consegue esmiuçar a metonímia. Então, tomando a questão do todo e da parte, tomando o conceito de metonímia, o todo pela parte e a parte pelo todo, veja uma coisa: aqui, no lado do masculino, a parte pelo todo, eu digo castração, disse homem; eu digo mulher, disse desconhecido, é o todo pela parte. Porque é essa parte não recoberta pela castração que a caracteriza, mas essa parte é erma a ela própria. Então, eu digo “mulher”, eu me refiro àquela parte; é o todo pela parte, é o desconhecido. Eu digo castração, eu nomeio a universalidade masculina. Todo homem é igual, a mulher já diz isso há muito tempo. Todo homem é igual, não é? E é. Todo homem é castrado, totalmente castrado. Lacan diz “a mulher não existe”; tem uma coisa que Lacan, aparentemente, está provocando, mas não, ele está sendo formalíssimo, de um rigor perfeito, mas quer

ser o quê? Menos do que o zero que está do lado de cá? Se alguém é alguma coisa, é a mulher. Agora, não há a universalidade, é uma a uma,, porque essa parte desconhecida é peculiar, é particular, é própria de cada mulher. Você não pega no pulso de todas as mulheres, ao pegar no pulso de uma mulher. É sempre um desconhecido. Bom, não é?

(Respondendo: A mulher comparece no lado de cá, e o homem também, não tem essa história. Pois é, mas a questão é da metonímia, da linguagem, quer dizer, a parte pelo todo, não é? Mas há algo a que ela, não toda, significa dizer que ela não toda submetida à castração, à lei fálica. Há algo de Real. No Seminário Encore, mais adiante, Lacan vai um pouco mais além disso aqui, onde mostra essa impossibilidade de encontro. (E aí esse fala nesse aqui, estão vendo, não? Isso aqui, que vai colocar aqui, é a continuação daqui, faz de conta que é essa parte debaixo, está certo?) Então aqui, do lado do que seria masculino, você tem um sujeito barrado e o falo. Esse sujeito aqui, do lado do masculino, vai buscar a mulher. E o que é que ele vai encontrar? O que é que ele falou o dia todo aqui? Vai encontrar o quê, do lado de lá? O objeto “a”. E aqui, diante dessa inexistência da universalidade do lado do feminino, então Lacan coloca o La, no francês, barrado, cortado, para mostrar a inexistência, e mostrando a divisão: do lado de cá, está o fracasso do masculino, em busca da mulher chegando a objeto a, sempre fracassando e, do lado de cá, está a divisão, porque aqui sai em direção a esse falo, toda mulher quer um falo, e sai outro vetor, mantendo-se nesse campo, no campo do feminino, dirigindo-se ao significante da falta do Outro, que iria completar o Outro. Aí, voltando àquela história de Nasio, aonde se dirige essa parte não castrada, não submetida ao simbólico, mas isso

não é relação, iria completar esse Outro, e não haveria uma relação a partir da completude. Isso aqui que seria o que se chama gozo suplementar. Então, não há relação sexual, e sim um desencontro entre o fracasso e a divisão.

(Helena: Quero saber mais um pouco isso que você estava falando sobre essa, eu percebo, como se para o homem, você pudesse se referir a castrado, à mulher, não castrada. Não, deixe tentar meu raciocínio para me situar na minha pergunta. Um resto que não castrou, que aparece no Real. Alguma coisa por aí que você estava falando, que acho que foi quase no momento que a Malu tentou fazer uma pergunta, que fiquei a pensar que seria praticamente uma que eu também queria saber. Isso aí, por exemplo, quando você faz essa relação, você aponta para ali, o feminino e, para cá, o masculino. Aí você disse assim, sim, sim, o quê?

(Respondendo: ~~~~~ essa parte não castrada seria o significante da falta do Outro ~~~~~). Não é o sujeito que é castrado. Sujeito é fruto da castração. Castração é do Outro. Coerentemente com isso, sua castração é do Outro, e se não há castração, o gozo é do Outro. Então, a completude aqui, esse vetor se dirigindo ao significante da falta do Outro, esse é o gozo chamado suplementar, gozo místico, com os santos aí ~~~~~, mas é uma submissão ao Outro, é preciso chamar atenção a isso porque existem algumas confusões de que talvez, já na relação do psicótico com a mãe, exista esse gozo. Gozo do Outro. Ora, porque não há castração. Ora, se não há castração, não há relação. É o Outro que goza. Há uma submissão total, completa, que o perverso se oferece, não é? O psicótico habita um pedaço aí, completando um Outro, e o

neurótico sonha, o obsessivo com a morte, a histérica com a loucura.

(Pergunta: “Eu gostaria que você, agora, no final, ~~~~ trabalho na clínica, como toda essa representação dessa estrutura aí pode ser escutada na clínica? E suas hiper-estruturas, neuróticas, perversas, histéricas, psicóticas? Como é que a gente pode articular tudo isso aí com esse cliente?”

(Respondendo: “Eu estava falando, quer dizer, o psicótico, do ponto de vista lógico e estrutural, quer dizer, não houve castração do Outro, quer dizer, a castração simbólica, a castração para a qual Lacan chama atenção. Para que o sujeito surgisse, para que existisse a partir daí uma cadeia de significantes original, isso seria o sujeito, está certo? Não há. O que é que ocorre? Seria essa Mãe, lá de que Jucy estava falando, a Mãe do psicótico seria a Mãe que estava dizendo que não tem nada a ver com mulher, está certo? Esse Outro completo, gozante, desabrido, sem limite. Já o neurótico não. O neurótico vive na eterna ambivalência entre gozo do Outro se não há castração, se há castração, em busca dos bens que seriam ~~~~~ que viesse aqui de nós, o lugar dos bens e o lugar do gozo do Outro. Aqui é o lugar do gozo do Outro. O lado de cá, entre o Imaginário e o Simbólico, é o lugar do sentido e, diante da castração, os bens como barreira imaginária, as quinquilharias do dia-a-dia, a fazer frente à castração. Se não há castração, há gozo do Outro, essa é a ambivalência permanente do neurótico de que eu estava falando, não é? A coisa da morte, para o obsessivo, constante na cabeça do obsessivo a morte. E, quanto para a histeria, a loucura, o chamado “oceano de loucura”, essa iminência permanente de

14

enlouquecer. E o perverso submeteu-se à castração, mas se oferece a ocupar esse lugar. O perverso não goza, ao transgredir, quem goza é o Outro. A grande ilusão é achar que o perverso goza. O perverso não goza. Ele se oferece a ser esse pedaço, a chave do gozo do Outro.

Pergunta - Teodora: Pedro, quanto à mãe do perverso, dá para delimitar uma estrutura dela? Quero saber se essa mãe, que é a que não é castrada, fico pensando, dá para se prever a estrutura dela? ~~~~~

(Respondendo: “Dá, então você teria que ver, na relação aí dessa mãe com a sua castração, enfim, não é? Com o Nome-do-Pai, aí sai por aí afora, não é? É uma coisa que teria de se pensar, mas, claro.... (Teodora: “mas não há, necessariamente, uma estrutura única para essa mãe?”).

(Cadu: “Lacan fala o seguinte: não pode haver rapport, forte pelo Outro como castrado. E a mulher, principalmente o objeto a da mulher, não esconde (?)

(Pedro: “Isso aí tem várias maneiras de falar, não é? Vários vieses para falar da inexistência; mas o fato é que é uma questão fundamentalmente lógica.

(Pergunta: Helena: - “Havendo uma diferença de língua, como conseqüência de linguagem, toda essa estrutura aí ter sido montada dentro de uma determinada cultura e, claro, que não mudou só na língua francesa, mas com outras contribuições aí, mas para a gente pintar uma aparição, mesmo que seja uma sombra, mulher, cada uma em sua cultura ~~~~~ , ela só

pode ser vista, cada uma a cada uma, considerando as personas culturais, seria possível colocar essas outras culturas, nesse mesmo esquema aí de Lacan, e achar um lugar? Porque, olha, quando você diz ~~~~~ não existia, mãe não tinha nada a ver com mulher, concordo plenamente. É como eu disse ontem para ~~~~~ se o possível matriarcado seria o lugar da mãe e não da mulher. Ela não existiria aí, não é? E o patriarcado, eu perguntava se esse seria o lugar do Pai. Por esse esquema aí, certamente o lugar do Pai é do pai castrado. Mas aí fica aquela zona de sombra, pode não ser zona de sombra, para quem trabalha com o pé na Psicanálise, mas para as outras áreas é uma zona.

(Pedro: “Não, é de sombra”) e aí chamo a atenção, por exemplo, a essa coisa da questão de mulher só existir a cada uma da estrutura é que, por exemplo, no japonês a palavra “mulher” é formada a partir da sua atividade doméstica, isto é, vai buscar um pedaço da economia para formar o nome que se diz “mulher” numa língua completamente diferente.

(Interrompendo: Infelizmente, vou ser forçado a interromper porque já ultrapassamos o nosso tempo, por conta das falas que teremos à tarde.)

(Helena: “Pedro, você responde no próximo Seminário”).

